

Imaginários do Progresso: A Recepção do Evolucionismo na Cultura Política do SPD

IMAGINARIES OF PROGRESS: THE RECEPTION OF EVOLUTIONISM IN THE
POLITICAL CULTURE OF THE SPD

*Douglas Rogério Anfra **

RESUMO

Este artigo apresenta a relação entre a teoria da evolução e a cultura política da social-democracia alemã (SPD) no final do século XIX. A partir de um comentário sobre as atividades políticas e culturais do partido - em especial o Primeiro de Maio de 1897 -, busca-se desdobrar alguns testemunhos que atestam essa relação, para então refletir sobre o significado da articulação entre socialismo e evolucionismo, bem como sobre a aplicação da ideia de evolução/desenvolvimento (*Entwicklung*) na formulação de conceitos políticos e teóricos. Por fim, são apresentados indícios de que, a despeito de certa crença corrente, essa relação, que ganha centralidade no século XIX, perde força na virada para o século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamento político do século XIX; evolucionismo e socialismo; Progresso; Darwinismo social; Social-democracia alemã; materialismo histórico.

ABSTRACT

This article presents the relationship between the theory of evolution and the political culture of German social democracy (SPD) at the end of the 19th century. Starting from a commentary on the party's political and cultural activities - particularly the May Day celebrations of 1897 - it seeks to unfold certain testimonies that attest to this connection, to reflect on the meaning of the articulation between socialism and evolutionism, as well as on the application of the idea of evolution/development (*Entwicklung*) in the formulation of political and theoretical concepts. Finally, it presents evidence suggesting that, despite a prevailing belief, this relationship - central in the 19th century - loses strength at the turn of the 20th century.

KEYWORDS: Nineteenth century political thought, Evolutionism, Socialism, Historical materialism, Progress, Social Darwinism, German Social-Democratic Party, Historical materialism.

* Professor da ETEC André Bogasian e da Licenciatura em História da UNIFIEO.

1- À guisa de introdução segundo uma analogia hidrográfica

Pretendo apresentar um capítulo peculiar da história das ideias e concepções filosóficas do século XIX ao apontar para uma curiosa confluência da então recém-nascida Alemanha a partir do cartaz da festividade de primeiro de maio de 1897 que testemunha a confluência entre a teoria da evolução e o socialismo. Se formas de pensamento deste período se tornariam, com o perdão da analogia hidrográfica, grandes cursos de águas impetuosas como o neokantismo, o idealismo, o positivismo lógico e o socialismo alemão, outras correntes circularam em locais mais planos e com pouca força.

Semelhantemente a meandros que volta e meia modificam seu curso ao longo do tempo, deixando irreconhecível a forma peculiar que possuíam em comparação com o resultado da acumulação de sedimentos deixadas pelos séculos posteriores. A própria memória do curso destas formas de pensamento e do entorno que lhe deu sentido deixam de existir, como as planícies aluviais, obrigando a muitas explicações por parte daquele que se engaja na história do período, por se tornar obrigado a colecionar diversos detalhes históricos e políticos, por conta justamente dos acidentes que lhe deram origem.

Então, resumidamente, digamos que em uma região da Europa, muito perto do nascedouro do socialismo e da teoria da evolução biológica, surgiu uma região pantanosa com um ecossistema muito delicado e peculiar que deixou de existir com a brusca mudança da paisagem trazida pelo final catastrófico da chamada “*Belle Époque*”. Não entrarei em detalhe sobre a teoria pressuposta para compreender a mudança dos sistemas de pensamento que chamei na época de minha pesquisa de doutorado, por falta de palavra melhor, de “concepções

compartilhadas inconscientemente” (Anfra, 2021: 44-58). Seguiu a intuição de que seria este o solo onde germinam as filosofias.

A sociedade alemã do final do século XIX era marcada por uma hegemonia conservadora capitaneada por Otto von Bismarck que instituiu a unidade nacional do Estado alemão no campo político e cultural após a vitória da Prússia sobre a França em 1870 e buscava reprimir o que restava de oposição com as leis antissocialistas (1878–1890). No entanto, a despeito desta força aparentemente irresistível, emergiu um espaço alternativo de convivência e debate que se consolidou como uma verdadeira esfera pública social-democrata. Longe de se restringir à atividade partidária estrita, esse universo englobava práticas culturais e associativas diversas que iam desde corais e grupos de teatro até clubes de ciclistas, criação de bibliotecas e organização de debates públicos, compondo uma subcultura própria, estruturada em torno da solidariedade de classe e da busca por outro modelo de vida em comum. Esse "milieu sociocultural", como o definiu Lidtke (Lidtke, 1985: 3-20), desenvolvia-se em uma relação de “integração negativa” (Roth, 1963: 159-162) com a cultura oficial alemã, recusando seus valores dominantes, em especial aqueles ligados ao autoritarismo e ao militarismo prussiano.

Esse ambiente alternativo, alimentado por uma imprensa combativa e por publicações que circulavam clandestinamente entre os trabalhadores, funcionava como um laboratório de formação política e cultural¹. Era ali, em um entrelaçamento de vida cotidiana, educação e

¹ A imprensa socialista alemã, porta voz das diferentes tendências do movimento socialista sofreu com os duros anos de perseguição das leis antissocialistas: nos doze anos de vigência da legislação, entre 1878 e 1890, 155 jornais e mais de 1.200 outras publicações foram banidas (Hall, 1976: 13). Apesar disso, o partido sobreviveu, como comenta Vernon Lidtke: “Entre 1876 e 1878, os negócios das publicações social-democratas floresceram de uma maneira sem precedentes, e sem dúvida contribuíram significativamente para a impressão de que o movimento apresentava um crescente perigo à

engajamento, que se esboçava uma perspectiva de mundo distinta, pautada pela solidariedade e pela ideia de emancipação social. Tal como sugerem Negt e Kluge, tratava-se da constituição de uma esfera pública proletária, sustentada não apenas por estruturas materiais, como escolas e sindicatos, mas também por formas simbólicas e afetivas de pertencimento que conferiam densidade à visão de mundo social-democrata. Nessa trama, a cultura operária não se limitava a resistir, mas elaborava ativamente alternativas de futuro.

Pretendo destacar aqui um traço marcante da visão de mundo social-democrata, tal como se configurava no interior de uma esfera pública particular², estruturada em torno de um partido singular: o *Sozialdemokratische Partei Deutschlands* (SPD), então celebrado como a joia da coroa da Internacional Socialista, ou Segunda Internacional dos Trabalhadores. Este traço é a presença da ideia de evolucionismo nesse universo, aparentemente uma intrusão da ciência natural em um terreno político, revela-se menos exótica do que à primeira vista poderia parecer. Longe de ocupar um lugar marginal, o evolucionismo popular atravessava o cotidiano cultural do movimento: suas referências podiam

ordem e à tranquilidade da sociedade alemã” (Lidtke, 1966: 54-55). O número de publicações do partido cresceu e ganhou leitores. Nos anos 1890, “o SPD tinha 60 jornais do partido à sua disposição e, em 1894, havia 75. Esse número cresceu até 90 com a proximidade da Primeira Guerra Mundial e muitos desses jornais que eram publicados uma vez por semana passaram a ser diários. No mesmo período, a circulação total de jornais do SPD subiu de 254.000 para 1.488.345” (Hall, 1976: 13)

² As numerosas publicações representavam as diversas posições dentro do partido fundado pela união entre duas organizações rivais, a Associação Geral dos Trabalhadores Alemães (ADAV), fundada em 1863, por Ferdinand Lassalle (falecido em 1864), e o Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores (SAPD), fundado em 1869, em Eisenach, por Wilhelm Liebknecht, Wilhelm Bracke e August Bebel, dirigentes socialistas próximos de Marx. Também foram relevantes os chamados praticers (algo como pragmáticos ou realistas no jargão de hoje) e tendências radicais como os jungens, além de diversas outras linhas associadas aos sindicatos, associações e exilados alemães como os próprios Marx e Engels.

ser encontradas em cartazes e representações comemorativas, como aquele que darei destaque, panfletos, temas de conferências, aulas ministradas nas escolas do partido e nas bibliotecas dos sindicatos operários.

Grosso modo, as características definidas por este ecossistema acabaram formando a mentalidade peculiar e fragmentária do Partido Social-Democrata da Alemanha (doravante SPD), em que, além da influência deixada pelos principais teóricos que inspiraram a formação: Ferdinand Lassalle, Karl Marx e Friedrich Engels, também cabe destacar a influência deixada por nomes importantes da militância do partido, como o reformismo de Eduard Bernstein e o pensamento revolucionário e internacionalista de August Bebel e Wilhelm Liebknecht. E além deles, há diversos nomes menos conhecidos de intelectuais que desenvolveram produções teóricas que exerceram influência no partido como o neokantismo de Herman Cohen e Friedrich Albert Lange, o evolucionismo cósmico de Karl Eugen Dühring, o pensamento focado no trabalho de Joseph Dietzgen, o biologismo agonístico de Ludwig Woltmann, e o pessimismo de Phillip Mainländer³.

³ Dentre os autores citados, destacaria a título de indicação da diversidade, a particularidade do socialismo kantiano de Herman Cohen, que organizou a ideia de um socialismo como imperativo categórico e princípio ético do movimento socialista democrático, e portanto, independente de qualquer fundamentação científica sobre sua inevitabilidade (Linden, 1988: 197-239), além da particularidade da metafísica pessimista de Phillip Mainländer, que via o socialismo e a distribuição de bens a título de tarefa pedagógica do movimento socialista que ilustra o verdadeiro vazio do mundo, que por sua vez é ignorado devido aos limites e condições materiais da existência (Ramos, 2007) e Ludwig Woltman, reformista neokantiano, intelectual doutor em antropologia e medicina que acreditava na transposição da luta de classes para uma luta de raças (Anfra, 2021: 237-241). Um terceiro nome que ganhou notoriedade no SPD do período foi Eugens Dühring, um professor que era uma pessoa cega, e dos raros acadêmicos socialistas até ser perseguido e proibido de lecionar em 1874 (Hunt, 2010: 126), seu pensamento sintético criava uma forma de evolucionismo cósmico associado a um socialismo reformista que atraiu a atenção de Engels em seu livro *O Anti-Dühring*, que se

De forma geral, apesar da dificuldade em articular uma construção coletiva e contraditória, é comum o diagnóstico de que, ao mesmo tempo em que o pensamento revolucionário representado por Marx e Engels perdia influência dentro do SPD, emergia gradualmente a ideia de um progresso social, científico e moral contínuo da humanidade, capaz de conduzir ao socialismo. Uma visão otimista em relação ao futuro que se via como aliada do pensamento científico. E foi neste espaço em que ocorreria a apropriação do evolucionismo dentro da *Weltanschauung* social-democrata que, por sua vez, também ressoava em outros partidos ligados à Segunda Internacional, onde o SPD desempenhava um papel de liderança tanto organizativa quanto simbólica.

Esse diagnóstico aparece tanto como constatação quanto como crítica política formulada por setores da tradição socialista revolucionária do início do século XX, especialmente após a eclosão da Primeira Guerra Mundial e, em seguida, da Revolução Russa. Trata-se de uma crítica formulada por lideranças, pensadores políticos e teóricos vinculados ao pensamento revolucionário, cujas vozes abarcam desde o anarquismo até as dissidências internas do socialismo democrático e do marxismo. Destacaria dentro desta tradição, por ser a mais conhecida do leitor mais versado no cânon filosófico brasileiro, a crítica de Walter Benjamin⁴ à concepção reformista da história adotada pelo partido social-democrata

tornaria o mais livro mais popular de divulgação do pensamento marxista, apesar de polêmico aos olhos contemporâneos por testemunhar um pensamento engelsiano algo distinto do pensamento de Marx (Anfra, 2013:146-162).

⁴ Em particular, a Tese 11, que trata da representação social-democrata do trabalho, e a décima terceira tese das Teses sobre o Conceito de História, em que Walter Benjamin trata da concepção social-democrata de progresso (Benjamin, 1991: 698-699). Em *Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker*, Benjamin apresenta a referência a Darwin e ao evolucionismo como parte da ligação entre as ideias de evolução e progresso no pensamento social-democrata (Benjamin, 1937: 36)

alemão, posição que também foi partilhada pela primeira geração da Escola de Frankfurt e que dá continuidade ao pensamento socialista revolucionário desenvolvido nas primeiras décadas do século XX.

Mais do que um artigo de análise pontual, este texto propõe-se como um guia de leitura para o contexto no qual emergiu uma variedade de escritos que articulavam socialismo e teoria da evolução. Em vez de buscar exaustividade, detenho-me em um exemplo emblemático para este início: uma imagem alusiva ao Primeiro de maio de 1897, tomada aqui como expressão significativa dessa paisagem mental. A interpretação desse episódio contribui para iluminar os elementos que entrelaçam tais produções, ajudando a compreendê-las em sua articulação. Antes disso, porém, é preciso retomar o sentido e a importância da data, especialmente num momento em que seu significado parece progressivamente esvaziado entre nós, pois explica o contexto da imagem e, a seguir, passo para um elenco teórico de aspectos notáveis da relação entre o pensamento socialista e os evolucionismos do século XIX.

2- O significado do Primeiro de maio para o movimento socialista alemão do final do século XIX

O Primeiro de maio permanece, até hoje, como uma das datas mais significativas para o movimento internacional dos trabalhadores, especialmente nos países onde os sindicatos e partidos dentro do espectro mais amplo e polissêmico do que poderíamos chamar de esquerda ainda conservam alguma conexão com a tradição de lutas operárias em escala global e do socialismo. Sua consolidação como um ritual político internacional foi o resultado de complexas articulações e da necessidade de dar visibilidade às pautas comuns entre diferentes correntes e

organizações trabalhistas e socialistas dos mais diversos matizes, sendo descrita pelo historiador Eric Hobsbawm como “o mais ambicioso dos rituais do movimento operário” (Hobsbawm, 1984:76).

A incorporação desta data por parte do movimento operário internacional foi aprovada durante o congresso de fundação da Segunda Internacional, realizado em Paris, em julho de 1889, data em que era celebrado o centenário da queda da Bastilha. Nessa ocasião, decidiu-se convocar, a partir de 1890, um dia internacional de manifestações em apoio à campanha pela jornada de oito horas de trabalho, reivindicação central da delegação norte-americana, composta por membros da *American Federation of Labor* (AFL), dos *Knights of Labor* e por anarquistas. A escolha do dia 1º de maio não foi aleatória: tratava-se da data em que tradicionalmente se renovavam contratos parciais de trabalho nos Estados Unidos e que também rememorava a greve geral iniciada em Chicago em 1886, a qual culminou na Revolta de Haymarket e na execução de quatro trabalhadores, mártires que passariam a figurar como símbolos da luta operária (Cole, 1963b: 7–10).

Em 1890 foi realizada sua primeira celebração que surpreendeu os próprios organizadores pela massiva adesão em cidades como Estocolmo, Madri, Londres, Bruxelas e, com destaque, Bielefeld, na Alemanha, apesar das restrições impostas pelas leis antissocialistas então em vigor, com prisões e demissões sumárias. Enquanto Viena fora o palco da maior manifestação daquele ano, reunindo dezenas de milhares de operários em defesa da jornada de oito horas com adesão “quase total” em uma paralisação que silenciou a cidade (Foner, 1986: 48-49), a Alemanha evitou um confronto direto, criando um evento com a presença de famílias e crianças nas manifestações e alterando o tom inicialmente previsto para os protestos, contribuindo assim para sua recepção positiva entre setores liberais. Com isso, a social-democracia, a força política hegemônica na Segunda Internacional, soube articular suas

reivindicações a dimensões mais amplas da vida cotidiana dos trabalhadores, ultrapassando as pautas explícitas do programa do SPD.

Tais mobilizações foram acompanhadas por uma intensa produção impressa. O SPD publicava jornais comemorativos com tiragens clandestinas entre 60 mil e 150 mil exemplares, muitos de caráter satírico⁵, buscando driblar a censura e ampliar o alcance das mensagens forjando uma memória coletiva e fortalecendo os laços de solidariedade entre os trabalhadores.

Mais do que uma tradição inventada, a emergência do Primeiro de maio foi uma resposta concreta à demanda por uma ação simbólica internacional dos trabalhadores (Peterson, 2020:14). Desde sua origem, a data cumpriu múltiplas funções: rememorar as lutas passadas, homenagear os mártires de Chicago, impulsionar campanhas por direitos políticos e sociais, como o sufrágio universal e a limitação da jornada de trabalho, e afirmar publicamente a força e a organização do movimento operário. A escolha do 1º de maio também se valeu de uma estratégia culturalmente eficaz⁶: a ressignificação de um feriado já existente na Europa (o dia de Santa Valburga, vinculado às antigas festividades pagãs apropriadas pela tradição católica), o que permitiu que a nova comemoração operária se integrasse ao calendário popular já consagrado.

⁵ Entre eles, destacou-se o *Der Wahre Jacob*, editado por Wilhelm Blos e J. W. Dietz e impresso em Stuttgart, que, após a revogação das leis antissocialistas, passou a circular em edições coloridas.

⁶ Uma estratégia já comum no movimento dos trabalhadores norte-americano “Já nas décadas de 1820 e 1830, o Quatro de Julho havia se consolidado como o dia de celebração da classe trabalhadora. Era um dia de desfiles, banquetes e festivais - um momento para renovar o espírito de 1776, elaborar reivindicações da classe trabalhadora e apresentar novas declarações de independência que dessem continuidade à “obra inacabada” da Revolução Americana.” (FONER, 1986: 3)

3 - Saber é Poder

Quero agora chamar a atenção do leitor para a imagem que simboliza o primeiro de maio de 1897, apresentado a seguir na *figura 1*. Como é possível notar, vários elementos presentes na imagem tornam o cartaz particularmente interessante para ilustrar esta exposição. O cartaz comemorativo do 1º de maio de 1897 (Achten, 1980: 74), foi impresso pela gráfica Meisenbach, Riffarth & Co., em Berlim, uma das mais influentes casas tipográficas do final do século XIX. A imagem, em preto e branco, produzida na técnica de meio-tom (*Autotypie*) permitia a reprodução econômica de imagens com gradações de cinza a partir de desenhos ou fotografias, o que a tornava ideal para cartazes e publicações do movimento operário. A assinatura “Bauermeh” indica o artista responsável pela composição visual, cujo traço lembra o das gravuras, reforçando o caráter simbólico e formativo da imagem no contexto da esfera pública social-democrata.

Nas margens que envolvem o quadrante central, vemos representadas as atividades do SPD e a simbolização do processo de organização da classe trabalhadora em torno do Primeiro de maio: famílias, atividades para crianças, reuniões e palestras com discursos públicos, jogos sociais, estímulo às artes, ao artesanato e à cultura e, na parte inferior, a representação de uma manifestação pública. Há aqui uma expressão visual do imaginário em torno da mobilização cultural promovida pelo partido, com um sentido formativo que conduz à política, ainda que também se perceba um certo clima pastoral, sugerido pelo cenário de festividade realizada em local afastado, situado não exatamente nos centros urbanos, mas nos arredores da cidade.



Fig. 1. Bauerweh. Cartaz do primeiro de maio de 1897. (Achten, 1980: 74-75).

Vemos que, à direita da imagem, junto ao punho da espada, destacado na *figura 2*, encontra-se a inscrição *Wissen ist Macht* (“Conhecimento é poder”), máxima frequentemente atribuída a Francis Bacon e que, no contexto do movimento operário alemão, associa-se também à ideia de *Bildung*. Aos sentidos culturais, filosóficos e científicos desse conceito soma-se um sentido político, desenvolvido nas experiências de educação popular surgidas entre as forças progressistas após as revoluções de 1848. Esse processo ganha um desdobramento particular nas *Associações de Educação de Trabalhadores* (*Arbeiterbildungsverein*), promovidas pela social-democracia alemã. Surgidas após as revoltas de 1848 que agitaram a Europa, as Associações de Formação (ou educativas, em um sentido mais amplo) faziam uso da educação como um dos poucos meios legais disponíveis e já expressavam os conflitos entre liberais, conservadores e socialistas no contexto da febre alemã pelo associativismo civil. Os liberais buscavam

estimular cooperativas, oferecendo formação técnica para suprir o que viam como carência dos trabalhadores e permitir sua emancipação por mérito próprio (Sheehan, 1990: 996). Os conservadores, por sua vez, viam na educação moderna uma ameaça e reagiam promovendo as chamadas “guerras culturais”, em oposição tanto aos liberais quanto à ciência e visando impor a cultura e a língua alemã em regiões sob domínio prussiano com populações não falantes de alemão (Lamberti, 1989: 17).

Já os socialistas, em suas diversas correntes, viam nas associações um espaço privilegiado para a formação política e científica voltada à luta por direitos trabalhistas, pelo sufrágio universal e pela superação das divisões sociais que limitavam o acesso ao conhecimento. Lideranças como August Bebel emergiram dessas experiências, ainda que vozes influentes, como a de Wilhelm Liebknecht, argumentassem que o saber, embora poderoso, pode ser instrumentalizado contra a própria sociedade. Por isso, defendia que a conquista do poder político deveria preceder a difusão do conhecimento, colocando a frente política do SPD como prioridade. Essa posição foi afirmada em uma conferência decisiva proferida por Liebknecht em 1872 (Liebknecht, 1904:), posteriormente publicada com o título *Saber é Poder* (Anfra, 2021: 228–256).

Embora muitas vezes realizadas em condições precárias de clandestinidade, essas iniciativas tornaram-se exemplos concretos de auto-organização voltada à construção da emancipação intelectual e política da classe trabalhadora. Sua consigna central era a defesa da educação como conquista da luta política, e não como concessão do Estado ou das elites.



Fig. 2. Detalhe do cartaz do primeiro de maio de 1897 onde está escrito *Wissen ist Macht* (“saber é poder”) no entorno do punho da espada e *Das Geistes Schwert* (“a espada do espírito”) na lâmina.

Idem



Fig. 3. Detalhe do cartaz do primeiro de maio de 1897. Idem

Na parte inferior direita do quadrante central da *Figura 3*, observa-se um comentário político sobre a situação do projeto de reforma social, em especial dos mecanismos de proteção ao trabalhador

(*Schutz der Arbeit*) propostos por outros grupos políticos. Esse comentário pode ser interpretado como uma crítica à tentativa dos liberais conservadores de oferecer reformas sociais como moeda de troca, em troca de uma subordinação ao Estado. Há uma aparente sugestão de que, durante o período e após a crise do governo Bismarck, essa pauta sequer voltou a ser discutida com a mesma ênfase, o que talvez explique sua retomada simbólica na imagem. O setor marxista do SPD, ao qual Liebknecht pertencia, entendia que essa proposta de reforma havia sido instrumentalizada unicamente para viabilizar o aumento do orçamento militar e a centralização política. Em particular, o episódio remete ao momento em que o modelo de welfare baseado no princípio de assistência estatal simplificada (*Fürsorgemodell*), defendido por Hans Hermann Freiherr von Berlepsch, foi novamente apresentado pelo gabinete do governo, mas acabou sendo rejeitado — com Berlepsch expulso do cargo por pressão da oposição de direita. A cena retratada no cartaz parece evocar essa memória crítica, sugerindo ou a denúncia da podridão do projeto, ou a tentativa de resgatá-lo dos escombros da história recente.

Voltando ao centro da imagem, notamos que Marianne, vestindo o barrete frígio, famoso chapéu que identifica a liberdade para os participantes da revolução francesa, representa os valores republicanos. No contexto específico do movimento operário alemão, está associada aos ideais da Revolução Francesa como se o movimento operário alemão reivindicasse uma continuidade política em relação ao republicanismo revolucionário francês. E isto faz sentido em algumas de suas principais pautas, como o direito ao sufrágio universal, a qual era pauta central do movimento socialista democrático.

Como vimos, o conhecimento é parte importante deste processo, simbolizado pela espada do espírito e pela afirmação de que o conhecimento é poder. Por isso, ganha destaque um detalhe que aparece

na parte inferior direita da composição, e que, por sua vez, é o elemento central deste artigo. Ali estão representados três livros, nos quais se inscrevem nomes que, naquele contexto, representam as principais referências teóricas do SPD da época: Marx, Lassalle e, ao centro... Darwin.



Fig. 4. Detalhe do cartaz do primeiro de maio de 1897. Idem.

4 - Socialismos e evolucionismos do final do século XIX

No contexto de profundas transformações sociais, políticas e científicas do século XIX, a ideia de evolução adquiriu significados diversos, extrapolando os limites da biologia para influenciar campos como a filosofia, a educação, a política e os projetos de reforma social. Antes mesmo da formulação darwinista, já era relativamente difundida a noção de que as espécies sofriam transformações ao longo do tempo, e numerosos pensadores anteciparam, de formas distintas, o evolucionismo biológico.

Entre esses precursores estão desde Al-Jahiz, com seu *Livro dos Animais*, escrito no século IX, até autores modernos como William Paley (*Natural Theology or Evidences of the Existence and Attributes of the Deity*, 1802), que propunha uma concepção de evolução compatível com a teologia cristã. O livro de Paley forneceu o argumento conhecido como a alegoria do relojoeiro, mais tarde incorporada por correntes

contemporâneas do criacionismo. Outro nome fundamental do evolucionismo é Alfred Russel Wallace, coautor da teoria da seleção natural (independentemente de Darwin) e socialista convicto. Seu artigo sobre a evolução biológica, enviado a Darwin em 1858, foi decisivo para apressar a publicação de *A origem das espécies* em 1859, encerrando duas décadas de hesitação por parte de Darwin.

A publicação de *A origem das espécies* (1859), de Charles Darwin, foi um acontecimento tanto literário quanto científico, suscitando intensos debates em salões, periódicos, museus de história natural e leituras públicas. A obra rapidamente cativou públicos diversos, não apenas entre cientistas, mas também entre intelectuais, artistas, religiosos e ativistas políticos. Um dos principais divulgadores do darwinismo foi Thomas Huxley, apelidado de “o buldogue de Darwin”, que defendeu fervorosamente a teoria da seleção natural, realizando inclusive palestras voltadas ao público trabalhador visando tornar acessíveis a todos os fundamentos da nova ciência a um público igualmente interessado entre o movimento dos trabalhadores e socialistas.

O que não deveria causar espanto, pois eram muitos os possíveis interesses para os socialistas, como a possibilidade de uma explicação naturalista radical da vida, que dispensasse qualquer instância divina ou finalidade transcendente, contribuindo para a deslegitimação das justificativas religiosas da desigualdade e do poder político. A ideia de que o ser humano podia agora ser compreendido como parte de um processo histórico-natural em transformação contínua, sem essência fixa ou destino pré-determinado, abria espaço para a ideia de uma sociedade organizada racionalmente, fundada na liberdade, na igualdade, e não em

hierarquias tidas como naturais⁷. Isso explica porque ao longo desse percurso, muitos desses debates não se limitaram ao campo estritamente científico, e tornaram-se também veículos de interpretação social e filosófica.

No entanto, apesar do impacto da publicação da *Origem das Espécies* e sua divulgação, diferentes concepções de evolução continuaram a coexistir, oferecendo explicações próprias sobre a transformação das espécies ou cobrindo lacunas deixadas por Darwin, incluindo aquelas referentes a temas de interesse do socialismo. Estas concepções se tornaram tão influentes e numerosas que, Julian Huxley, um dos principais nomes da síntese evolutiva moderna, caracterizou o período entre 1875 e 1925 como “eclipse do darwinismo”⁸ (Bowler, 1983:5).

O lamarckismo persistia, sobretudo em sua versão neolamarckista, interpretando a herança de caracteres adquiridos por pressão do ambiente ou social como o principal mecanismo evolutivo. A ortogênese (ou finalismo), se acrescia ao que se entendia sobre o darwinismo e sugeria que a evolução obedeceria a uma direção natural intrínseca, como uma tendência progressiva ao aumento de complexidade, inteligência ou tamanho. Já o mutacionismo, e sua vertente saltacionista, via nas mutações genéticas eventos bruscos e determinantes para a emergência de novas espécies.

Nessa convergência fragmentada entre ciência e crítica social, destacam-se duas figuras notáveis: Herbert Spencer (frequentemente

⁷ Que foi importante no caso dos que associavam a militância socialista ao ateísmo como os chamados materialistas como Karl Vogt, ou mesmo o genro de Marx, Paul Lafargue.

⁸ Essas abordagens persistiram e coexistiram até a consolidação da chamada síntese evolutiva moderna (ou síntese moderna), entre as décadas de 1930 e 1950, quando os avanços da genética e da biologia molecular permitiram integrar a teoria darwinista com as descobertas do DNA, oferecendo uma base teórica mais robusta à biologia evolutiva.

chamado de “filósofo da evolução”⁹ e, grosso modo, considerado o filósofo mais popular do século XIX e Ernst Haeckel (conhecido como o “Darwin alemão”). Ao longo de suas obras, Spencer procurou aplicar os princípios da evolução a diversas esferas da vida social, que tenderiam a uma forma superior de organização, inspirado em um modelo orgânico que substituíra a imagem mecânica vigente. Essa abordagem influenciou tanto o conservadorismo quanto o pensamento liberal, positivista e socialista da época¹⁰. Apesar da resistência enfrentada por muitos países, a ciência da vida transbordava para a arena pública, saturando-a de novos termos científicos. Diversos setores conservadores e modernizados apelavam para leituras deterministas e raciais da biologia, apropriando-se do vocabulário evolutivo para construir uma ideologia conservadora que justificava as hierarquias raciais, sociais e sexuais para justificar a ordem

⁹ “Muitos atribuíram a Spencer o epíteto de ‘filósofo da evolução’. Michael Ruse sugere que coube a Spencer assumir o papel do profeta da evolução [...]. John Dewey (1859-1952) comenta que sua imagem pública era a da teoria da evolução encarnada” (Baiaardi, 2008: 11). Spencer foi o “intelectual mais famoso das últimas décadas do século XIX”, superando mesmo o positivismo comteano até que sua estrela desse lugar à de Henri Bergson no início do século XX (Eriksen; Nielsen, 2001: 37), é impossível ignorar como sua influência declinou bruscamente no início do século XX. Não à toa Parsons inicia sua investigação sociológica em *A Estrutura da Ação Social* (1937) com o comentário sobre a ascensão e queda de Spencer e de suas contribuições à teoria sociológica (Parsons, 1949: 3-6).

¹⁰ É possível elencar muitos autores inspirados em Spencer, para além da sociologia, que batizara e mesmo a filosofia evolucionista já que cunhara a expressão “evolução” (o livro de Spencer é de publicação anterior à *Origem das Espécies*) e “*survival of the fittest*” (Ruse, 2009: 23,1/526), mas também como toda a primeira geração de antropólogos funcionalistas como Morgan e Tylor (Giddens, 1984: 1), a literatura de ficção especulativa de e a utopia política de um sociedade superior organizada pelo Estado em *The Cooperative Commonwealth* (1884) de Laurence Gronlund e *Looking Backward: 2000–1887* (1888), de Edward Bellamy e Jack London em *O Tão de Ferro*, a teoria econômica de Alfred Marshall e no Brasil Escola de Recife e em nomes de vulto, como Euclides da Cunha, Silvio Romero, Fausto Cardoso (este último se reencontrando no monismo de Haeckel), Clóvis Bevilacqua, Augusto Franco, Lívio de Castro (médico e antropólogo físico).

social vigente. Surge aí o chamado *darwinismo social*, formulação que, embora nunca defendida por Darwin ou Spencer, passou a associar o sucesso social e econômico dos indivíduos ou das nações a uma suposta “superioridade biológica” em uma verdadeira apologia da competição, da seleção natural e da hierarquia ¹¹.

No interior do contexto alemão, poucos pensadores simbolizam de modo tão expressivo a tentativa de conciliação entre o evolucionismo naturalista e uma visão de mundo progressista quanto Ernst Haeckel. Biólogo, filósofo natural e divulgador científico de vasta influência, Haeckel foi uma figura central na recepção e radicalização das ideias de Darwin no continente europeu no campo científico e no debate cultural mais amplo. Seu monismo, doutrina que afirmava a unidade fundamental entre mente e matéria, natureza e espírito, era, ao mesmo tempo, uma cosmologia científica e uma filosofia da história, voltada para a superação do dualismo religioso e da metafísica herdada da tradição idealista.

Essa concepção encontrou forte ressonância junto aos setores mais anticlericais e laicos do movimento socialista internacional¹²,

¹¹ O discurso imperial que legitimava o domínio colonial, apresentando os Impérios como formas superiores de organização social, era complementado por formulações teóricas que explicitamente defendiam a supremacia de determinados povos sobre outros como a de Alexander Tille, tradutor de Nietzsche para o inglês. O representante mais proeminente dessa posição talvez tenha sido o industrial Friedrich Alfred Krupp, um notório fabricante de armas. Em 1900, Krupp demonstrou seu interesse ao oferecer um prêmio de dez mil marcos para quem respondesse à questão: “O que podemos aprender com a teoria da evolução sobre o desenvolvimento da política doméstica e a legislação estatal” (Paul, 2003: 233).

¹² Observando o caso inglês, para David Stack, as raízes do evolucionismo na esquerda não eram novidade e se originariam em nomes como o próprio codescobridor da teoria da evolução, Alfred Russel Wallace, ou a feminista Annie Besant, o escritor Jack London, o líder trabalhista inglês Ramsay MacDonald, primeiro ministro do partido trabalhista, ou ainda na coleção de clássicos socialistas da *Independent Labour Party*, com traduções de Kautsky, Enrico Ferri e Bernstein para o público inglês, associando um campo à esquerda

ressoando na ala intelectual da social-democracia. Haeckel foi lido e citado por autores ligados ao Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD), que viam em sua obra uma poderosa arma contra o obscurantismo religioso e a ordem conservadora sustentada por fundamentos teológicos. Seus escritos, em linguagem acessível, belamente ilustradas e com um estilo frequentemente combativo, popularizaram ideias evolucionistas entre o público trabalhador, sendo utilizados como instrumento de alfabetização científica nas escolas do partido, no entanto, a potencial afinidade entre Haeckel e os sociais-democratas foi rejeitada por Haeckel, assumindo, por vezes, uma postura anti-socialista em sua defesa da legitimidade científica do evolucionismo e da concorrência entre os indivíduos como forma de progresso social (Haeckel, 1878: 72).

Diferentemente de Haeckel e Spencer, os socialistas buscavam no evolucionismo os fundamentos de uma antropologia aberta, plástica e, sobretudo, uma alternativa à metafísica da natureza humana imutável, permitindo aos socialistas historicizar as instituições sociais e pensar a emancipação como parte de uma lógica orgânica de desenvolvimento. Não raro, entre os socialistas alemães, o socialismo era pensado como o resultado de um processo orgânico de evolução da sociedade, associando a ideia de evolução à de desenvolvimento com o mesmo vocábulo *entwicklung*. Este conceito e nesta acepção, apareceu em debates

do partido trabalhista ao debate sobre a teoria da evolução (Stack, 2003). Foi essa coleção que forçaria uma aproximação involuntária de Bernstein ao evolucionismo, ao traduzir o título de seu livro *Die Voraussetzungen des Sozialismus* (1899) para *Evolutionary Socialism* (1909), que se manteve na tradução para o português feita pela Fundação Teotônio Vilela. *Voraussetzung* significaria literalmente algo próximo de “pressuposto”, “pré-requisito”, “pré-condição” ou, se pensamos em termos lógicos condicionantes, ou seja, destacando mais o aspecto kantiano e ético da compreensão de Bernstein sobre o socialismo que organiza o seu pensamento durante o debate sobre o revisionismo, em termos de o que deveria ser feito para se atingir o socialismo.

importantes sobre a questão agrária por parte de Kautsky e em textos e discursos de August Bebel que defendiam o legado de Marx e a concepção de luta de classes mantendo o lugar de Darwin ao lado desse legado¹³. Em uma passagem característica da relação entre pensamento político e científico, Bebel argumenta em defesa de uma evolução social necessária para defender, não apenas a emancipação das mulheres, mas o socialismo enquanto forma de desenvolvimento social superior da sociedade, especialmente quando consideramos a inteligência humana e a organização social como parte do processo evolutivo.

A luta pela existência está presente em todos os organismos, sem que eles tenham consciência das circunstâncias que os obrigam a isso, ela ocorre inconscientemente. Essa luta pela existência também está presente no mundo humano, entre os membros de todas as sociedades nas quais a solidariedade desapareceu ou ainda não se manifestou. Essa luta pela existência muda conforme as formas que as relações sociais entre os seres humanos assumem ao longo do desenvolvimento; ela assume o caráter de lutas de classes, que se desenrolam em níveis cada vez mais elevados. Mas essas lutas levam, e nisso os seres humanos se diferenciam de todos os outros seres, a uma compreensão crescente da essência da sociedade e, finalmente, ao reconhecimento das leis que dominam e condicionam seu *desenvolvimento*. Por fim, os seres humanos só precisam aplicar esse conhecimento às suas instituições políticas e sociais e transformá-las de acordo com ele. A diferença entre o ser humano e o animal é, portanto, que o ser humano pode ser chamado de animal pensante, mas o animal não é um ser humano

¹³ Outro episódio notável deste embate é o Congresso de Hannover de 1898 em que se discutiu as teses de Bernstein críticas ao socialismo, em que uma das intervenções, por parte de Konrad Schmidt que criticava as teses marxistas sobre a teoria do colapso, auperização (*Verelendungstheorie*): Em nossa mobilização vamos trocar “dialética” por uma muito mais precisa e rica concepção de desenvolvimento/evolução (*Entwicklung*) que é mais inteligível aos trabalhadores. Bebel invocou o espírito do grande Darwin. Nós estamos mais ao lado dele do que de Hegel. No original: *Setzen wir doch lieber in unseren Agitationen an die Stelle der "Dialektik" den viel präziseren und reichhaltigeren Begriff der "Entwicklung", der den Arbeitern viel verständlicher ist! Bebel hat ja den Geist des großen Darwin zitiert. Ihm stehen wir näher als Hegel!* (Protokoll, 1899: 148)

pensante. Grande parte dos nossos darwinistas, em sua parcialidade, não compreende isso (Bebel, 1879: 47-48)¹⁴.

Tal deslocamento semântico, longe de uma miragem específica dos socialistas, testemunha uma visão finalista em direção à ortogênese muito comum à época, presente mesmo em famosas imagens ilustrativas como a *árvore monofilética dos organismos* de Ernst Haeckel ou a ilustração de Huxley presente em *Evidências do lugar do Homem na Natureza* (1863), ao mesmo tempo que testemunha um reposicionamento da ideia de evolução. Nesse sentido, dão testemunho autores como Kropotkin, que partiam da rejeição à ideia estrita de *luta pela sobrevivência* destacando a cooperação e o apoio mútuo como fatores determinantes na evolução das espécies (Kropotkin, 1902: 123), e deslocando o aspecto evolutivo para o social. Talvez seja importante mencionar que entre os ouvintes das exposições de Huxley à classe trabalhadora e dos debates que se seguiram estavam presentes Karl Marx, sua filha Jenny Marx e Wilhelm Liebknecht (Liebknecht, 1944: 31), que registrou o impacto duradouro causado pela leitura da obra de

¹⁴ No original: *Der Kampf ums Dasein ist bei allen Organismen vorhanden, ohne Einsicht in die Umstände, die sie dazu nötigen, er vollzieht sich ihnen unbewußt. Dieser Kampf ums Dasein ist auch in der Menschenwelt, unter den Gliedern jeder Gesellschaft vorhanden, in der die Solidarität verschwand oder noch nicht zur Geltung kam. Dieser Kampf ums Dasein ändert sich nach den Formen, welche im Laufe der Entwicklung die sozialen Beziehungen der Menschen untereinander nehmen; er nimmt den Charakter von Klassenkämpfen an, die sich auf immer höherer Stufenleiter abspielen. Aber diese Kämpfe führen – und darin unterscheiden sich die Menschen von allen anderen Wesen – zu immer höherer Einsicht in das Wesen der Gesellschaft und schließlich zur Erkenntnis der Gesetze, welche ihre Entwicklung beherrschen und bedingen. Schließlich haben die Menschen nur nötig, diese Erkenntnis auf ihre politischen und sozialen Einrichtungen anzuwenden und diese entsprechend umzuformen. Der Unterschied zwischen Mensch und Tier ist also, daß der Mensch ein denkendes Tier genannt werden kann, das Tier aber kein denkender Mensch ist. Das begreift ein großer Teil unserer Darwinianer in ihrer Einseitigkeit nicht.*

Darwin. Marx, influenciado pelo interesse de Engels¹⁵, leu a obra de Darwin com interesse, porém, embora tenha mantido ao longo da vida certa reserva quanto a aspectos da teoria, e, assim como Kropotkin, rejeitando especialmente seu viés concorrencial e sua inspiração malthusiana¹⁶ algo que foi comum na recepção de Darwin na Rússia¹⁷ (Todes, 1989). Esta concepção de desenvolvimento/evolução esteve presente na pena de Engels (a famosa frase: “Assim como Darwin descobriu a lei do desenvolvimento da natureza orgânica, Marx

¹⁵ O foco deste artigo não é a recepção de Marx e Engels do pensamento darwiniano, apesar de esta questão também ser importante. Acredito que a recepção por parte de Engels foi de uma apropriação crítica de Darwin buscando antes assimilá-lo à sua interpretação da dialética que estendeu o pensamento marxista das relações sociais e econômicas para as ciências em geral, com atenção notável à questão biológica observada especialmente no *Anti-Dühring* (1878) e os manuscritos publicados postumamente como a *Dialética da Natureza* (1925).

¹⁶ Apesar da lenda difundida de que Marx teria dedicado *O Capital* a Darwin, há uma vasta literatura que caracteriza a recepção de Darwin por Marx e Engels ora como um tipo de deslumbre e fusão teórica, com apoio em poucas referências além de cartas e algumas citações de natureza mais comparativa esparsas no *Capital*, e outra que os acusa de terem ignorado Darwin. Marx e Engels se interessavam por Darwin, mas Marx posteriormente dele se afasta e sequer há registro de que tenha lido *A descendência do homem*. Além disso, há vários artigos que desmentem uma anedota sobre uma suposta dedicatória de *O Capital* à Darwin baseada em uma carta do espólio de Darwin em que este recusa aceitar a dedicatória de um autor radical não mencionado. Na verdade, a recusa de Darwin foi à dedicatória em seu nome do livro *The Students' Darwin* (1881), obra de divulgação escrita por Edward B. Avelling, então genro de Marx, divulgador científico e militante socialista e ateu (Colp Jr., 1974). Marx inicia a leitura de Darwin com extremo interesse, mas posteriormente rejeita o que via como uma projeção do *bellum omnium contra omnes* hobbesiana na natureza (Marx, 1974: 249).

¹⁷ Daniel Todes resume em três aspectos a crítica científica e política russa, que grosso modo converge com aspectos importantes do pensamento socialista alemão: “(1) o termo “luta pela existência” e grande parte da retórica associada a ele; (2) a dependência das pressões populacionais e uma aritmética populacional específica que alimentam essa luta perpétua; e (3) a ênfase em conflitos intra-específicos”. (Todes, 1989: 19).

descobriu a lei do desenvolvimento da história humana”¹⁸, notemos aqui também presente o conceito de *entwicklung* com a mesma acepção).

5 - A título de conclusão: um olhar sobre a confluências entre ciência e política do século XIX

Ao apropriar-se criticamente do evolucionismo, o socialismo do período pretendia não somente refutar a ordem vigente, mas afirmar-se como o projeto racional por excelência, fundamentado, ao mesmo tempo, na crítica da metafísica e na fidelidade a uma visão histórica e imanente da vida. Nesse sentido, o socialismo do século XIX não só incorporou elementos do evolucionismo naturalista determinado historicamente pela visão de mundo da época, mas também contribuiu para sua redefinição, ao deslocar o foco da biologia para a história e amplificando seu sentido.

Esta convergência não foi, no entanto, sem polêmicas. Autores críticos desta convergência como Walter Benjamin e a tradição da teoria crítica compreenderam essa confluência como uma perigosa areia movediça que imobilizou a classe trabalhadora afiliada à Segunda Internacional. Críticos como Hannah Arendt viam o Darwinismo como elo comum no totalitarismo que fazia convergir a ditadura bolchevique e a ditadura nazi-fascista ao criar uma explicação científica para a natureza humana que possibilitava imaginar uma possível transformação dessa natureza para algo além (Arendt, 1976: 463). Autores do campo conservador e criacionista como Richard Weikart costumavam responsabilizar Darwin diretamente pelo nazismo, acomodando a social-democracia num papel de intermediário e divulgador do darwinismo

¹⁸ *Wie Darwin das Gesetz der Entwicklung der organischen Natur, so entdeckte Marx das Entwicklungsgesetz der menschlichen Geschichte* (Engels, 1973: 335-339)

entre as massas (Weikart, 2004: 324), uma crítica que, apesar do impacto pela divulgação, não apresenta elos causais precedentes que permitam responsabilizar seja Darwin, Spencer, Haeckel ou os sociais-democratas com algum fundamento (Richards, 2013: 196).

É importante notar que, como muitos dos mistérios que envolvem o século XIX, se a influência dos evolucionismos se tornou quase onipresente nos debates do período, sua popularidade recrudescer no começo do século XX, seja em número de publicações, seja por indícios indiretos. Cito aqui o caso do registro dos livros mais retirados das bibliotecas populares das sessões locais do SPD e de sindicatos, tomando como referência um clube de leitura de trabalhadores da indústria madeireira situado em uma cidade de 80 mil habitantes no sul da Alemanha apresentado na *figura 5*, e retirado do estudo de Hans-Joseph Steinberg (1976: 166-180). Nota-se ali um interesse dominante de ciências naturais e divulgação científica, com exceção do livro *A Mulher e o Socialismo* de August Bebel, que, como vimos, também aponta aspectos relacionados ao tema.

Imaginários do Progresso: A Recepção do Evolucionismo na Cultura Política do SPD

Autor	Título	Tradução	No. de retiradas
August Bebel	Die Frau in der Socialismus	A mulher e o Socialismo	24
Arnold Dodel-Port	Moses oder Darwin?	Moises ou Darwin?	14
Oswald Köhler	Welschöpfung und Weltuntergang	Criação do mundo e fim do mundo	11
Edward Avening	Die Darwinische Theorie	A teoria darwinista	9
Oswald Köhler	Der Sozialdemokratische Staat	O estado socialdemocrata	9
Bernard Langkavel	Der Mensch und seine Rassen	O homem e suas raças	6
Jakob Stern	Die Philosophie Spinozas	A filosofia de Espinosa	6
August Bebel	Charles Fourier	Charles Fourier	6
Wilhelm Liebknecht	Ein Blick in die Neue Welt	Uma espiada no Novo Mundo	6
Wilhelm Bloß	Deutsches Revolution	A revolução alemã	5
Dombrowsky*	Leben und Taten	Vidas e feitos	5
Rudolf Bommell	Geschichte der Erde	História da Terra	5
Karl Kautsky	Thomas Morus	Thomas Morus e sua Utopia	5
Karl Kautsky	Karl Marx' ökonomische Lehren	Os ensinamentos econômicos de Karl Marx	5
Wilhelm Bloß	Französische Revolution	Revolução Francesa	4
Lewis Henry Morgan	Ancient Society	A sociedade Antiga	4
Prosper-Olivier Lissagaray	History of the Paris Commune	História da Comuna de Paris	4
Max Schippel	Das moderne Elend	A miséria moderna	4
Arnold Dodel-Port	Aus Leben und Wissenschaft	Da vida e da ciência	3
Bernhard Becker	Enthüllungen über Lassalle	Revelações sobre Lassalle	3
Wilhelm Zimmermann	Der Bauernkrieg	A guerra dos camponeses	3
Karl Kautsky	Erfurter Programm	O programa de Erfurt	3
Otto von Corvin	Pfaffenspiegel, Ein Historisches Denkmal des Christlichen Fanatismus	Pfaffenspiegel, um monumento histórico do fanatismo cristão	3
Karl Marx	Das Kapital, I.	O Capital, Vol. I	3
David Strauss	Der alte und der neue Glaube	A velha e a nova Fé	2
Leopold Jaboby	Es werde Licht	Que haja luz	2
Bruno Emil König	Schwarze Kabinette	O gabinete negro	2
Friedrich Engels	Anti-Dühring	Anti-Dühring	2
Friedrich Engels	Der Ursprung der Familie, des Privateigentums und des Staats	A origem da família, da propriedade privada e do estado	2
Nikolaj Alekseevich Koblukow	Landliche Arbeiterfrage	A questão do trabalhador rural	2
Karl Marx	Das Kapital, II.	O Capital, Vol. II	2
Wilhelm Liebknecht	Fremdwörterbuch	Dicionário de palavras estrangeiras	2
Friedrich Engels	Die Lage der arbeitenden Klasse in England	A condição da classe trabalhadora na Inglaterra	2

Fig. 5. Livros mais retirados da livraria da liga dos trabalhadores da indústria madeireira do sul da Alemanha, ao longo de nove meses do ano de 1894

Agora, notemos na tabela seguinte do estudo de Steinberg (Steinberg, 1976:170), na figura 6, como o interesse pela ciência, apesar de persistir um pouco mais entre os trabalhadores, ainda assim atravessou um declínio, mesmo se pegamos um caso entre militantes do partido de áreas mais urbanas, onde as sessões do partido realizavam trabalho de formação constante.

ANO	CIÊNCIAS NATURAIS	CIÊNCIAS SOCIAIS	HISTÓRIA	FILOSOFIA	POESIA	FIÇÃO	VIAGENS, ETNOLOGIA, TEORIA LITERÁRIA, DIREITO
1891	13,5	22,7	7,3	1,1	12,6	14,6	28,2
1892	8,4	24,3	6,8	3,3	12,2	13,5	31,5
1893	10,3	19,4	6,9	3,1	12	22,7	25,6
1894	8,3	17,9	8,6	2,5	10,4	25,2	27,1
1895	8,7	18	7,2	2,8	11,7	29,8	21,8
1896	10,3	15,9	8,8	3,4	9,9	29,7	22
1897	10,6	9,8	10	1,1	8,8	41,4	18,3
1898	9,1	13,9	11,4	0,89	9,3	36,2	19,3
1899	10,6	11,7	0,7	0,7	12	41,8	12,1
1900	?	?	?	?	?	?	?
1901	5,4	6	8,9	3	9,9	51,5	15,3
1902	5,3	4,3	8,8	16	8,1	54,3	17,6
1903	4,4	4,2	9	16	8,5	51,3	21
1904	5,2	3,1	10	16	7,6	51,7	20,8
1905	5,3	3,3	8,4	15	7	55,5	19
1906	5,6	3,2	7,1	16	7	58,6	18,8
1907	4,1	2,4	5,7	12	5,7	64,3	16,6
1908	5,2	2,8	7	15	5,1	66,5	11,9
1909	4,7	2,1	6,8	11	5	65,3	15
1910	3,9	2,4	6,3	9	5,3	71,5	9,7
1911	3,4	2,2	6,2	9	4,3	70,4	12,6

Fig. 6. Livros mais retirados da livraria da liga dos trabalhadores da indústria madeireira de Berlim, ao longo de nove meses entre 1891 e 1911 (destaques meus no campo de ciências naturais).

A meu ver, esse indício, longe de ser um dado isolado, me leva a questionar se, ao observarmos um declínio tão drástico no interesse por ciências e temas científicos entre os trabalhadores no início do século XX, ainda faria sentido atribuir ao cientificismo (incluindo aí a teoria da evolução) um papel estruturante na paisagem mental reformista da social-democracia, concebida como uma confluência entre os cursos da evolução biológica, da evolução social e da ideia de progresso. Ou será que essa visão de mundo é antes um efeito que mostra como os imaginários políticos e intelectuais já haviam mudado e o que se acreditava ser a causa, ter perdido sua força e deixado de orientar seu curso, como um antigo leito que vai se assoreando? Ou ainda que possa ter sido desviado por novas correntes como o pessimismo e a ideia de uma ruptura com o velho mundo, suas certezas e seu otimismo? Nesse sentido, eventos como o eugenismo e o caso Lysenko, na União

Soviética das décadas de 1930 a 1950, podem ser vistos¹⁹ não como uma continuidade e expressão renovada desse paradigma, mas antes como um refluxo tardio, uma represa ideológica que reteve, distorcidamente, os sedimentos de um cientificismo já em declínio em outros contextos e provavelmente impulsionados por outra causa.

De toda forma, é preciso dizer que seguimos longe de compreender plenamente por que certos cursos de pensamento secam enquanto outros encontram novos caminhos subterrâneos ou inesperadas ressurgências como fora o encontro entre a evolução biológica e o socialismo do século XIX.

REFERÊNCIAS

ACHTEN, Udo. Zum Lichte empor. Mai-Festzeitungen der Sozialdemokratie 1891 - 1914. Berlim: Verlag J.H.W. Dietz Nachf. GmbH, 1980.

ANFRA, Douglas Rogerio. Friedrich Engels: guerra e política: uma investigação sobre a análise marxista da guerra e das organizações militares. 2013. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

ANFRA, Douglas R. Reforma e evolução: política e ciência na social-democracia alemã do fim do século XIX. Tese. (Doutorado

¹⁹ Resumidamente, o lisenkoísmo foi uma doutrina promovida por Trofim Lysenko na União Soviética, que rejeitava a teoria darwinista da evolução adotando uma doutrina influenciada pelo neolamarckismo que respondia às pelas críticas russas à concepção malthusiana de Darwin, à busca por soluções técnicas locais para a agricultura e ao desejo de construir uma alternativa ideológica à genética e à eugenia ocidentais, apoiando-se em interpretações marxistas da ciência natural.

em Filosofia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1976.

BAIARDI, Daniel Cerqueira. Conhecimento, evolução e complexidade na filosofia sintética de Herbert Spencer. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, der Sammler und der Historiker. Zeitschrift für Sozialforschung, Jg. 6, p. 346-399. 1937.

BENJAMIN, Walter. Über den Begriff der Geschichte. In: _____. Gesammelte Werke. Hrsg. von Hermann Schweppenhäuser und Rolf Tiedemann. Band I/2. Suhrkamp: Frankfurt am Main. p. 690-708, 1991.

BENJAMIN, Walter. Eduard Fuchs, colecionador e historiador. In: _____. O Anjo da História. Belo Horizonte: Autêntica. p. 73-102. Edição digital, 2012.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: _____. O Anjo da História. Belo Horizonte: Autêntica. Edição digital, 2012b.

BOWLER, Peter J. The eclipse of Darwinism. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1983.

COLE, G. D. A History of Socialist Thought. Marxism and Anarchism: 1850-1890. Londres: Macmillan & Co Ltd, 1963a.

COLE, G. D. A History of Socialist Thought: Vol. III, p. I The Second International 1889-1914. Londres: Macmillan & Co Ltd, 1963b.

COLP JR., Ralph. The Contacts Between Karl Marx and Charles Darwin. Journal of the History of Ideas, v. 35, n. 2, 1974, p. 329-338, abr.-jun. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/2708767>. Acesso em: 21/06/2014.

ENGELS, Friedrich. Das Begräbnis von Karl Marx. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Marx und Engels Werke (MEW). v. 19. Berlim: Dietz. p. 335-339, 1973.

FONER, Philip S. May Day. A Short history of the International Workers' Holiday 1886-1986. International Publishers, New York, 1986.

GIDDENS, Anthony. The Constitution of Society. Outline of a Theory of Structuration. Cambridge, UK: Polity Press, 1984.

HAECKEL, Ernst. Freie Wissenschaft und freie Lehre. Stuttgart: E, Schweizerbart'sche Verlagshandlung, 1878.

HALL, Alex. The War of Words: Anti-Socialist Offensives and Counter- Propaganda in Wilhelmine Germany 1890-1914. Journal of Contemporary History, v. 11, n. 2/3, 1976, p. 11-42, jul. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/260248>. Acesso em: 12 jun. 2019.

HOBBSBAWN, Eric. História do marxismo III: O marxismo na época da segunda internacional. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUNT, Tristram. Comunista de casaca. A vida revolucionária de Friedrich Engels. Rio de Janeiro: Record, 2010.

KROPOTKIN, Peter. *Mutual Aid. A Factor in Evolution*. Londres: McClure, Philips & Company, 1902.

LAMBERTI, Marjorie. *State, Society and the Elementary School in Imperial Germany*. Nova York: Oxford University Press, 1989.

LIDTKE, Vernon L. *The alternative culture: socialist labor in Imperial Germany*. Nova York: Oxford University Press, 1985.

LIDTKE, Vernon L. *The Outlawed Party: Social Democracy in Germany, 1878-1890*. Princeton: Princeton University Press, 1966.

LIEBKNECHT, Wilhelm. 1944. *Reminiscences of Karl Marx*. Bombay: People's Publishing House, 1944.

LIEBKNECHT, Wilhelm. *Wissen ist Macht, Macht ist Wissen*. Festrede gehalten zum Stiftungsfest des Dresdner Bildungs-Vereins am 5. Februar 1872. Berlim: Verlag der Expedition des 'Vorwärts' - Berliner Volksblatt, 1904.

LINDEN, Harry van der. *Kantian Ethics and Socialism*. Indianápolis: Hacket Publishing Company, 1988.

MARX, Karl. Carta de Marx para Engels de 19 de dezembro de 1860. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Werke*. v. 30. Berlim: Dietz, 1974, p. 130-131.

NEGT, Oskar; KLUGE, Alexander. *Public Sphere and Experience. Toward and Analysis of the Bourgeois and Proletarian Public Sphere*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1993.

ERIKSEN, T. Hylland; NIELSEN, Finn S. *A History of Anthropology*. Londres: Pluto Press, 2001.

PARSONS, Talcott. The Structure of social action: A study in social theory with special reference to a group of recent European writers. Glencoe: The Free Press, 1949.

PETERSON, Abby; REITER, Herbert. The ritual of May Day in Western Europe: past, present and future. Londres: Routledge, 2020.

PAUL, Diane B. Darwin, social Darwinism and eugenics. In: HODGE, Jonathan; RADICK, Gregory (org.). The Cambridge Companion to Darwin. Cambridge, UK: Cambridge University Press. p. 214-23, 2003.

PROTOKOLL über die Verhandlungen des Parteitages der Sozialdemokratischen Partei Deutschlands. Abgehalten zu Hannover vom 9. bis 14 Oktober 1899. 1899. Berlim; Bonn: J.H.W. Dietz Nachf. GmbH, 1980. Disponível em: <http://library.fes.de/parteitage/pdf/pt-jahr/pt-1899.pdf>. Acesso: 20 set. 2020.

RAMOS, Flamarion Caldeira. 2007. O pessimismo e a questão social em Philipp Mainländer. Cadernos de filosofia alemã. no. 10 (jul-dez), p. 35-50.

RICHARDS, Robert J. 2013. Was Hitler a Darwinian? Disputed Questions in the History of Evolutionary Theory. Chicago: University of Chicago Press.

ROCKER, Rudolf. Aus den Memoiren eines deutschen Anarchisten. Frankfurt: Suhrkamp, 1974.

ROTH, Gunther. Social Democrats in Imperial Germany. Totowa, NJ: The Bedminster Press, 1963.

RUSE, Michael. 2009. *Defining Darwin: Essays on the History and Philosophy of Evolutionary Biology*. Nova York: Prometheus Books. [livro eletrônico], 2009.

SCHORSKE, Carl. *German Social Democracy, 1905-1917. The development of the Great Schism*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.

SHEEHAN, James J. *German History, 1770-1866*. Nova York: Oxford University Press, 1990.

STACK, David. *The first Darwinian Left*. Cheltenham, UK: New Clarion Press, 2003.

STEINBERG, Hans-Joseph. *Workers' Libraries in Germany before 1914*. *Journal: History Workshop Journal*, v. 1, n. 1, 1976, .p. 166-180.

TODES, Daniel P. *Darwin without Malthus: the struggle for existence in Russian evolutionary thought*. Nova York: Oxford University Press, 1989.

WEIKART, Richard. *Socialist Darwinism: Evolution in German Socialist Thought from Marx to Bernstein*. San Francisco: International Scholars Publications, 1998.

WEIKART, Richard. *From Darwin to Hitler: Evolutionary Ethics, Eugenics and Racism in Germany*. Nova York: Palgrave Macmillan, 2004.